



GUERRA

Rússia ataca Kiev durante maior troca de prisioneiros

Enquanto familiares se emocionam com reencontros após anos de incertezas, capital da Ucrânia sofre novas investidas aéreas. Drones e projéteis atingiram bairros residenciais e deixaram, ao menos, 15 pessoas feridas

Em meio ao maior processo de troca de prisioneiros de guerra entre Rússia e Ucrânia desde o início do conflito em 2022, ataques em larga escala das forças russas atingiram a capital ucraniana, Kiev, ontem. Drones e mísseis caíram sobre bairros residenciais da cidade, provocando explosões, incêndios e ferindo, ao menos, 15 pessoas. O bombardeio ocorreu no segundo dia da operação que prevê a libertação de mil combatentes de cada lado, em um raro momento de negociação direta entre os dois países, com mediação internacional.

A Força Aérea da Ucrânia informou ter derrubado seis mísseis balísticos do tipo Iskander-M/KN-23 e neutralizado 245 drones Shahed, de um total de 14 mísseis e 250 drones lançados pelas forças russas. No entanto, horas depois, houve nova investida, com dezenas de drones. As autoridades locais descreveram Kiev como "o principal alvo" da ofensiva. Os impactos de mísseis e a queda de destroços sobre áreas residenciais resultaram em vários focos de incêndio e danos materiais significativos. Além das 15 pessoas feridas em Kiev, outras duas foram atingidas na região metropolitana.

O Ministério da Defesa da Rússia alegou que os ataques foram direcionados a "empresas do complexo militar-industrial" e a "posições de sistemas antiaéreos Patriot", fornecidos pelos Estados Unidos à Ucrânia. O governo ucraniano, no entanto, interpretou a investida como mais uma demonstração da recusa de Moscou em buscar uma solução pacífica para a guerra.

O presidente da Ucrânia, Volodymyr Zelensky, voltou a defender sanções mais severas contra setores-chave da economia russa. "Apenas sanções adicionais forçarão Moscou a cessar os ataques", escreveu na rede X, acrescentando que "a causa do prolongamento da guerra está em Moscou".

A embaixadora da União Europeia na Ucrânia, Katarina Mathernova, também reagiu duramente ao ataque. "Se ainda há alguém com dúvidas de que a Rússia quer continuar com a guerra, que leia os jornais", declarou.

Troca histórica

Enquanto as bombas caíam sobre Kiev, centenas de famílias se reuniam na região administrativa de Chernihiv, no norte do país,



Rússia lançou 14 mísseis balísticos e 250 drones contra Kiev. Governo ucraniano afirmou ter derrubado a maior parte do arsenal ofensivo



Soldados ucranianos se emocionam ao serem recebidos por familiares

para receber combatentes ucranianos libertados no acordo de troca com a Rússia. A operação teve início na sexta-feira, com a libertação de 390 prisioneiros de cada lado. Ontem, mais 307 soldados ucranianos foram devolvidos ao país em troca de igual número de prisioneiros russos. A terceira etapa está prevista para ocorrer hoje, totalizando mil de cada lado.

A negociação da troca foi o

único resultado concreto da rodada de conversas realizadas na semana passada na capital turca, Istambul, marcando o primeiro contato direto entre representantes russos e ucranianos em três anos. O presidente dos Estados Unidos, Donald Trump, anunciou publicamente o acordo e segue pressionando ambos os lados por um caminho diplomático que leve ao fim da guerra.



Bombardeio russo feriu civis que estavam em áreas residenciais

Lágrimas e abraços

A chegada dos prisioneiros libertados em Chernihiv foi marcada por cenas de comoção, sorrisos e lágrimas. Com olhares cansados, magros e visivelmente debilitados, os soldados foram recebidos por familiares, muitos deles com fotos nas mãos e a esperança de reencontrar parentes desaparecidos. Alguns foram direto para

hospitais da região, onde passaram por exames médicos e avaliações psicológicas.

Entre os libertados, estava Konstantin Steblev, 31 anos, capturado no início da guerra, em fevereiro de 2022. Ao pisar em solo ucraniano, ligou para a mãe: "Oi mãe, como você está? Eu te amo. Não fique triste. Não foi minha culpa. Prometi que voltaria são e salvo", disse, emocionado, com

lágrimas nos olhos. "É uma loucura. Sentimentos de loucura", relatou à France-Presse. Ele contou que sobreviveu ao cativeiro pensando na esposa: "Ela sabe que sou forte. Agora, é ela quem vai me dizer o que fazer."

Outro reencontro foi o de Olena e Oleksandr, casal que passou 22 meses separado após a captura dele pela Rússia. "Estou no céu", disse o homem, de 45 anos, ao abraçar a esposa. Seu maior desejo no momento, segundo ele, é "comer e passar tempo com a família".

Apesar da alegria dos reencontros, nem todos os familiares tiveram respostas. Muitas mulheres deixaram o local chorando, sem qualquer informação sobre maridos, filhos ou irmãos desaparecidos. "Em quase todas as trocas, há pessoas sobre as quais ninguém sabia nada", contou um funcionário do governo ucraniano sob anonimato. "Às vezes, devolvem pessoas consideradas mortas ou que estavam na lista de desaparecidos", disse.

Elia, 33 anos, reencontrou o marido Andriy após três anos. Ao vê-lo, correu para abraçá-lo. "Meu coração quase saiu do peito. Esperei tanto por isso." Mesmo diante da felicidade, ela reconhece o caminho difícil pela frente. "Ele tem um olhar vazio, mas sei que não o destruíram. Os rapazes que estavam com ele disseram que ele foi muito forte." Agora, Elia sonha em ter um filho com o marido.

Ofensiva se intensifica

Mesmo com as negociações em curso e os gestos humanitários envolvendo os prisioneiros, a guerra segue brutal nas linhas de frente. O Exército russo continua avançando em algumas regiões do território ucraniano, segundo fontes de Kiev, apesar de sofrer pesadas baixas.

Ontem, o Ministério da Defesa da Rússia afirmou ter tomado o controle de duas cidades na região de Donetsk, no leste, e uma em Sumy, no nordeste. Em Sumy, uma mulher morreu após bombardeios russos. Já no lado russo da fronteira, no Oblast de Kursk, cinco pessoas ficaram feridas em ataques atribuídos a forças ucranianas.

Na sexta-feira, autoridades ucranianas relataram que 11 civis morreram em bombardeios russos em diferentes regiões do país. A intensidade dos ataques evidencia o impasse militar em que se encontra o conflito, que se estende há mais de três anos sem uma perspectiva clara de desfecho.

EQUADOR

Noboa toma posse com discurso de guerra ao crime

Em meio à escalada da violência provocada por grupos ligados ao narcotráfico, o presidente do Equador, Daniel Noboa, tomou posse ontem para mais um mandato, com discurso centrado na segurança pública. Diante da Assembleia Nacional, em Quito, o líder de 37 anos prometeu "salvar o país das máfias" e reafirmou o compromisso de enfrentar com rigor as organizações criminosas que desafiam o Estado. "Este é um confronto direto com estruturas criminosas organizadas", declarou. "Não haverá trégua contra o crime."

Reeleito em abril ao derrotar a candidata de esquerda Luisa González no segundo turno,

Noboa comandará o país até 2029. A cerimônia foi marcada pela ausência da oposição liderada pelo ex-presidente Rafael Correa, atualmente no exílio, que segue alegando fraude no processo eleitoral — acusações já descartadas por missões internacionais de observação.

Herdeiro de uma das famílias mais ricas do país, o empresário chegou à presidência em 2023, após eleições antecipadas convocadas em meio a uma grave crise de segurança. Desde então, tem adotado uma política de linha-dura, que incluiu a declaração oficial de um "conflito armado interno", medida que permitiu o uso das Forças Armadas em



Daniel Noboa disse que "não haverá trégua" contra o crime

ações contra o crime organizado nas ruas e nos presídios.

Apesar de uma redução pontual nos homicídios em 2024 — fato amplamente explorado por sua campanha — os números continuam alarmantes. Entre janeiro e abril deste ano, foram registrados 3.084 assassinatos, tornando o período o mais violento da história recente do país, segundo dados oficiais.

"Sei que meu dever não é me afastar de um conflito porque ele nunca foi resolvido antes", afirmou Noboa. "Não se trata de olhar para o outro lado para me poupar do desgaste de lutar contra criminosos que acreditam ser os donos do

país há anos", completou o presidente equatoriano.

O novo mandato começou com uma tentativa de reforçar alianças internacionais. A cerimônia contou com a presença dos presidentes da Colômbia, Gustavo Petro; e do Peru, Dina Boluarte, além de chanceleres de países como Brasil, Bolívia e Costa Rica. Representando os Estados Unidos, esteve o secretário de Saúde, Robert F. Kennedy Jr., enviado pelo presidente Donald Trump. Noboa tem buscado ampliar a cooperação com os norte-americanos no combate ao crime transnacional e anunciou, recentemente, que Israel demonstrou interesse em oferecer apoio ao Equador com serviços de inteligência.